

REVISTA
DO
MUSEU PAULISTA

NOVA SÉRIE — VOLUME XXXIII
SÃO PAULO
1988

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

DIVAGAÇÕES SOBRE UMA ODE BORORO

Ângelo Jayme Venturelli (*)

Ó seiva de acuri,
coroa a tua cabeça
com alva penugem.

Não será difícil recordar a etimologia da forma ode, *oidé*, em grego, que define uma composição poética destinada ao canto, na antiga Grécia. São, portanto, odes, todas as letras dos hinos bororo, pois foram compostas para serem cantadas. E são hinos, ou seja, canções religiosas.

De fato, pode existir algo, num povo ágrafo, que não seja religião, ou, se quiserem, que não esteja mergulhado no mundo das crenças? Há nele, por acaso, alguma atitude que não lembrem totens, espíritos, amuletos, magia, ofertas, feitiços, almas, potências extraterrenas ou castigos automaticamente emanados de algum tabu transgredido?

A apologia da alegre festa, a celebrar o vinho de acuri, é o tema da poesia cujo título poderia ser *Hino Preparatório às Libações do Vinho de Acuri*, em língua bororo, *Iwóro Páru*, ou seja, (*Canto para o*) *Início (do) Vinho de Acuri*.

O vinho dessa palmeira é obtido pela fermentação alcoólica de sua seiva. Retirado o palmito da palmácea, o líquido, um tanto doce, preenche a pequena cova aberta na parte terminal do seu caule, da qual vem sugada por meio de uma cânula, na manhã de cada dia e cuspidada em panelas de barro, onde inicia sua fermentação. O produto final é uma bebida levemente alcoólica e espumosa.

Iwo, Kúru iá're! Ó cânula mergulhada no vinho de acuri! *Pána iá're!* Ó buzina que está entre os cantores! *Iwo, kúru iá're!* Ó cânula mergulhada no vinho de acuri! *Pána iá're čibaié-re!* Ó buzina que está entre cantores tão belos!

É o início de nossa ode. É o estro dos poetas bororo que se expande em louvores à solenidade da festa realizada no interior da casa dos homens, o *bái mána geǰéwu*, em louvores à cânula que será usada para sorver o vinho, em louvores à buzina que, com os chocalhos, marca o ritmo do canto.

(*) Co-autor da Enciclopédia Bororo, 3 volumes.

Iwo padú-re čen-ógwa bukeže! Ó cânula que estás em nossos lábios! Que estás entre as pinturas, entre os enfeites, entre a penugem, entre os labretes de nossos lábios!

A-wúre rerúdo čed-ábo, čed-ábo! Ó palmeira acuri, faze teus pés dançar conosco, dançar conosco! Faze dançar conosco também tuas coxas, teus joelhos, tua cabeça! *A-wá řetoródo čed-ábo!* Ó acuri, ergue, empina teus folíolos e dança conosco, dança conosco! Empina teu broto, tuas folhas, o invólucro de teu palmito!

Aróve maridoréu á-ro tawúře! Ó palmeira linda como buriti, esparge tua alegria! Ó palmeira com pés, com coxas, com joelhos, com folhas, com brotos, com o invólucro listrado do palmito, com alvos folíolos, irradia teu contentamento! Ó palmeira de coma revolta, liberta tua alegria!

Animada é a palmeira que oferece aos Bororo tão preciosa bebida. É um dos mais delicados arroubos poéticos com que os índios pretendem enobrecer o vegetal, cujo vinho os alegrará, e integrá-lo, vivo e ardente, em sua agitada e singela dança.

Aróve Bače, aróve Tavie, aróve Tagáe, aróve Karáwoe, aróve Rúke, aróve Iróie, ocó, ocó! Ó Bororo barulhentos como os totens Tuiuiús, como totens Gaivotas, como totens Tachãs, como os totens Aracuões, como os totens Moscas, como os totens Mergulhões! Evoé, evoé!

É o mundo das crenças sempre atual, é o universo pré-histórico tornado presente, é a origem da tribo, dos clãs, das metades. É o direito consuetudinário lembrado a cada instante.

Aróve akiri barígu ak-áio! Ó bebida, dádiva do totem Acuri, coroa tua cabeça com alva penugem!

É o convite para que abundante espuma se acumule na superfície do mosto que, assim, denunciará uma perfeita fermentação.

Imaiáre e wúre...é-pu...é-ia...ek-éra...et-áio réru kodú-re ak-áie! O movimento dos pés, das coxas, da cintura, das mãos, da cabeça das mulheres vai a ti!

São as mulheres que, com sua graça, prestigiam o totem-bebida num agradecimento antecipado pela alegria que lhes proporcionará.

Maréna Aróve...Okóge...Čibáie...Batároe...Ikúie...Merine...Butúroe e-íwo! Eis a cânula dos Boron-Almas, dos Dourados, das Ararapirangas, dos João-Pintos, dos Araçaripocas, dos Marrecos-Ananaís, das Larvas!

Nada é postergado na homenagem à bebida, nem a cânula que servirá para dessedentar os Bororo, aqui identificados com alguns dos totens dos

clãs dos *Bokodóri Ečeráe*, dos *Aróroe*, dos *Apiborége* e dos *Kie*. É sempre a essência religiosa do hino que assoma na textura poética.

Báče... Tavie... Tagáie... Karáwoe... Iróie, rerúria! Os Tuiuiús, as Gai-votas, as Tachãs, os Aracuões, os Mergulhões dançam enfileirados.

Mais uma estrofe fundindo Bororo com totens e totens com Bororo, em particular os membros-totens do clã dos *Apiborége*, dos *Iwagúdu-dóge* e dos *Aróroe*.

Aróve Kára atugóio... enawúio... u-rugúdu... akirío... o-iagáio... u-kigáio Bakororo. Eu, totem Aracuão, sou pintado, enfeitado, avermelhado, penugento, caudato e chifrudo como *Bakororo*.

O Aracuão é um dos totens do clã dos *Iwagúdu-dóge*, dos quais um finado é aqui homenageado em seu representante ornado com pinturas e enfeites de penas próprios do herói lendário *Bakoróro*.

Aróve Kára íwo máku in-ái... Ó alma-Aracuão, dá-me a cânula, mergulha-a no meio da bebida, em sua branca penugem, em sua espuma! Faze isso para mim!

Ainda uma vez a presença mística de um defunto, de seu totem, motiva um cantor a externar sua dependência, seu respeito, seu temor.

Akarúio Ečeráe ta-wudúia ta-iugá-to... Ó famosos chefes dos Bororo mortos, da metade dos *Ečeráe*, entrai na vossa choupana central e mergulhai a cânula no meio da bebida, em sua branca penugem, em sua espuma! Evoé, evoé!

São os súditos, os membros da metade dos *Tugarége*, que convidam os chefes da aldeia, os *Ečeráe*, no reino do além, numa solene comunhão de vivos e mortos. É a derradeira elegia. É o final triunfal da ode. É a vida bororo sempre morta. É a morte bororo sempre viva.